

# **Diaconia – uma perspectiva ecumênica e global**

**Dr. Kjell Nordstokke**

**Resumo:** O artigo desenvolve os principais aspectos relacionados com a “diaconia ecumênica”, ressaltando o contexto de globalização em que se desenvolve, sua procura por uma perspectiva holística, sua qualificação como serviço empoderado e a dimensão profética do seu testemunho.

**Resumo:** El artículo desarrolla los principales aspectos relacionados con la “diacónia ecuménica”, ressaltando el contexto de globalización en que se desenvuelve, su búsqueda por una perspectiva holística, su calificación como servicio empoderado y la dimensión profética de su testimonio.

**Abstract:** The article develops the main aspects related with “ecumenical diaconia”, highlighting the context of globalization in which it is developed, its quest for a holistic perspective, its qualification as empowered service and the prophetic dimension of its witness.

## **1 - A diaconia como parte integrante do ecumenismo**

A práxis diaconal tem sido um dos principais pilares do movimento ecumênico desde seus primórdios. Isso fica evidente no fato de que a igreja, em sua natureza, é ecumênica, um corpo cujos membros (igrejas locais) estão espalhados em todo o mundo habitado, e, ao mesmo tempo, é diaconal, no sentido de que os membros estão organicamente comprometidos com o cuidado mútuo. Neste sentido, os relatos neotestamentários sobre a coleta (grego: *diakonia* – 2 Co 8-9) em favor dos pobres em Jerusalém são paradigmáticos para o que chamamos atualmente de diaconia internacional ou ecumênica.

O imenso sofrimento em toda a Europa como resultado da Segunda Guerra Mundial desafiou as igrejas a agir em conjunto e a desenvolver ferreamentas organizacionais para oferecer ajuda emergencial de maneira efetiva. Neste contexto, estabeleceram-se organizações como *Norchurchaid* (*Kirkens Nodhjelp*). A tarefa primordial era assistir pessoas necessitadas, mas igualmente importante era a mensagem embutida da reconciliação e a apresentação de uma alternativa profética para atitudes de vingança e ódio na Europa pós-guerra.

Algo semelhante aconteceu na década de 1960, quando as ex-colônias na África e na Ásia conquistaram a independência. Novamente igrejas agiram em conjunto lançando uma variedade de projetos e programas visando a fomentar o desenvolvimento e o bem-estar nos novos países. Mais uma vez a tarefa primordial era implantar conhecimento e estruturas; esta atividade naturalmente era acompanhada por uma mensagem embutida de igualdade e justiça globais e da apresentação de uma alternativa profética para o indiferentismo e o provincialismo.

Embora o otimismo da década de 1960 tivesse que ser revisto em breve, assim como foi o marco referencial ideológico da ajuda para o desenvolvimento na década de 1970, isso foi visto muito criticamente, sobretudo pelo Sul; o movimento ecumênico, porém, manteve seu compromisso quanto aos desafios diaconais em nível mundial. Atualmente este desafio está relacionado à globalização e seus efeitos nas diferentes partes do mundo. Inclusive hoje a ação concreta é acompanhada por proclamação e defesa.

Voltaremos a isso mais tarde. Por ora, o ponto a ser observado é que a diaconia é uma parte integrante do movimento ecumênico.<sup>1</sup> Como tal, a

---

<sup>1</sup> Jens Holger Schjorring afirma a respeito da história da Federação Luterana Mundial: “Nenhuma análise da história da Federação Luterana Mundial pode deixar de atentar para o papel essencial do serviço, da *diaconia*, no início e durante esta história”, in: Jens Holger SCHJORRING, Prasanna KUMARI, Norman A. HJELM (Eds.), *From Federation to Communion. The History of the Lutheran World Federation*, Minneapolis, 1977, p. 85.

diaconia é uma manifestação da força e do potencial do ecumenismo. A práxis da diaconia efetivamente tem contribuído muito para a reflexão teológica ecumênica. Ela conferiu expressão visível à compreensão da igreja mundial como sendo uma comunhão orgânica e à importância espiritual de compartilhar dor e alegria. Experiências de participação na luta das pessoas por dignidade e liberdade abriram espaço para novas perspectivas de testemunho bíblico e renovaram o vocabulário teológico.

Ao mesmo tempo, dever-se-ia admitir que a práxis diaconal também revelou a deficiência do ecumenismo e a capacidade limitada das igrejas para serem instrumentos de paz e justiça no mundo. Demasiadas vezes o compromisso com o serviço ficou restrito ao discurso! Neste sentido, a diaconia ecumênica afirma a natureza ambígua da igreja, de ser tanto santa, como instrumento da ação gratuita de Deus, quanto pecadora, compartilhando o modelo corrupto de ação no mundo caído.

## **2 - Mudança de vento**

Embora a diaconia tenha tido este papel constante no ecumenismo, houve mudanças quanto ao emprego do conceito de diaconia, dependente de tendências ideológicas e teológicas. De forma geral, é possível dizer que, enquanto a década de 1950 manteve uma compreensão mais tradicional de diaconia, elaborada na Alemanha e nos países nórdicos, a década de 1960 introduziu uma terminologia internacional mais moderna de desenvolvimento e mudança social. A diaconia podia então ser interpretada como antiquada e provinciana.

A nova consciência política da década de 1970 reforçou esta convicção. A diaconia não era apenas antiquada, mas também acrítica e servil. Era impossível oferecer ajuda efetiva a não ser que se revelassem e combatessem as causas últimas. No conflito entre o trabalho de caridade que pretendia não estar politicamente envolvido e a ação social para a promoção de paz e justiça, a atividade diaconal tradicional geralmente era identificada com o primeiro. Isto podia, às vezes, resultar em debates bastante acalorados em encontros ecumênicos.

Jens Holger Schjorring escreve na história da Federação Luterana Mundial: “*O debate realmente tinha a ver em grande parte com o lugar do trabalho diaconal no contexto das responsabilidades sociais e políticas da igreja, entre o testemunho do ‘lava-pés’ e o do ‘protesto profético público’*”.<sup>2</sup> Levou algum tempo, contudo, até se perceber que não

---

<sup>2</sup> Ibid., p. 133.

era o caso de ou/ou, mas de interação dialética; em termos teológicos, “entre compaixão e justiça”.

A terminologia de diaconia deveria, porém, recuperar seu emprego em ambientes ecumênicos. Em 1986, o Conselho Mundial de Igrejas organizou uma consulta internacional sobre diaconia em Larnaca, Chipre. Aqui se definiu diaconia como “expressão ativa de testemunho cristão em resposta às necessidades e desafios da comunidade em que cristãos e as igrejas vivem”.<sup>3</sup>

É importante observar que a compreensão de diaconia está sendo reformulada agora. Como exemplo disso, é ilustrativo um documento do Conselho Mundial de Igrejas. Em um relatório endereçado ao Comitê de Programa do CMI, datado de março de 2000<sup>4</sup>, o *Grupo Consultivo sobre Relações Regionais e Compartilhamento Ecumênico* afirma:

*“O Grupo Consultivo começou seu trabalho refletindo sobre o contexto da diaconia ecumênica na atualidade. O contexto geral foi identificado como um contexto de globalização. Embora se reconheça que existem experiências diversas de globalização incluindo efeitos positivos para algumas, a sensação predominante era que a globalização é um processo que exclui, marginaliza e fragmenta comunidades. Neste contexto, a diaconia ecumênica não pode ser divorciada da diaconia profética. Isso, por seu turno, está entrelaçado com a defesa ecumênica que coloca as pessoas afetadas no centro do palco, agindo como seus próprios advogados. A diaconia ecumênica deve, pois, abranger uma variedade de formas, incluindo intervenção em crises e ajuda direta para as vítimas, mas também se enfatizou fortemente que o compromisso cristão com a ação diaconal deve estar vinculado com a diaconia profética transformadora, que está orientada para a mudança e se ocupa corajosamente com causas fundamentais.”*

O documento continua caracterizando a globalização predominante como pautada “*de cima*” com conseqüências negativas dramáticas para os pobres do mundo. O relatório continua afirmando: “*A diaconia ecumênica deve responder a isso com uma ‘globalização de baixo’ – ações para a paz por pessoas de esperança e fé. A diaconia ecumênica precisa afirmar as pessoas como sujeitos em vez de objetos de desenvolvimento... Ao fazer isso, a diaconia ecumênica deve estar ancorada em uma teo-*

---

3 Klaus POSER (Ed.), *Called to be Neighbours: Diakonia 2000: Official Report WCC World Consultation*, Inter-Church Aid, Refugee and World Service Larnaca, 1986, WCC, Genebra, 1987.

4 Conselho Mundial de Igrejas: *Advisory Group on Regional Relations and Ecumenical Sharing*, Bossey, 18-23 de março de 2000, Report to the WCC Programme Committee.

*logia de vida que proclama o valor e a importância da vida humana.”*

Os ventos definitivamente mudaram. Diaconia não mais é uma antiquada palavra provinciana, mas uma palavra que pode ser compartilhada por cristãos tanto do Sul quanto do Norte. Ela é entendida como refletindo uma práxis popular. Ao mesmo tempo, confere-se a ela o potencial de manter juntas a consciência crítica e a reflexão teológica.

Como foi possível esta mudança? No que se segue, apontarei alguns fatores que contribuíram para a reintrodução da “diaconia” como um conceito-chave na linguagem teológica ecumênica. Os fatores são estes:

- o contexto da globalização,
- a procura por uma perspectiva holística,
- a redescoberta da diaconia como serviço empoderado e
- a dimensão profética da diaconia.

Quando examinamos mais de perto estes pontos, deve-se atentar não somente para como estes elementos marcaram a formatação da diaconia ecumênica, mas também para como podem influenciar nossa própria práxis e reflexão diaconal.

### **3 - O contexto da globalização**

Globalização é hoje o termo mais comumente empregado para descrever nossa época. Sua ideologia predominante é o neoliberalismo, com mais confiança no mercado do que em programas políticos, mais preocupado com o individual do que com entidades coletivas. A globalização reflete, pois, a transição da modernidade para a pós-modernidade.

De uma perspectiva, a pós-modernidade confessa um espírito de imobilidade – o mundo é o que prova ser, aqui e agora, sem ilusões fundadas em projetos idealistas de solidariedade e justiça. De uma outra perspectiva, ela se caracteriza por um espírito de fluidez, o que significa que nada é absolutamente firme e confiável. Não só as respostas, mas também as perguntas de ontem se tornaram irrelevantes.

Em muitos círculos, a transição de modernidade para pós-modernidade significou uma troca de otimismo por pessimismo. Na década de 1960, a internalização era considerada uma promessa de desenvolvimento e justiça, especialmente no que então se chamava de *O Terceiro Mundo*. Hoje o conceito de globalização não contém qualquer expectativa, apenas redes de poder impiedoso e de mecanismos de exclusão.

Isso tem conseqüências para a igreja. O que há algumas décadas era

chamado de trabalho social, influenciado pelo profissionalismo moderno sob os auspícios da modernidade, agora está sendo questionado como demasiadamente dependente da ideologia ocidental e de seus modelos de sociedade. Cristãos no Sul especialmente resistem a uma terminologia que reflete as ambições políticas da modernidade ocidental, com o Norte como sujeito e modelo de desenvolvimento.

Como o conceito diaconia está inserido na identidade e fé da igreja, ele claramente difere do trabalho de desenvolvimento, do trabalho social ou de qualquer conceito que tenha sido usado para nomear a ação da igreja em favor daqueles que sofrem. Assim, a diaconia parece oferecer um tipo de racionalidade que difere daquele que é dado pela ideologia modernista. Enquanto a última é, por sua natureza, secular e não tem compreensão do papel da igreja, a diaconia tenta desenvolver um discurso interdisciplinar, levando em consideração tanto a linguagem secular quanto a teológica. Sua racionalidade, portanto, reflete tanto “o que é ser uma igreja” quanto “o que significa estar no mundo”. Seria errado, todavia, afirmar que tal racionalidade é harmoniosa. Pelo contrário, ela contém contradições e está fragmentada. Por um lado, não se deveria esperar isso na realidade pós-moderna? Por outro lado, isso não reflete a perspectiva cristã de perfeição, oculta no presente através da imperfeição?

#### **4 - À procura de uma perspectiva holística**

Uma outra preocupação manifestada por cristãos no Sul é a de encontrar uma terminologia que seja capaz de manter juntos os diferentes aspectos da ação eclesiástica no mundo. Há décadas, cristãos na África criticam a separação do dinheiro de projetos alocado para a evangelização do dinheiro de projetos limitado ao trabalho de desenvolvimento. Já na década de 1970, a igreja etíope enviou uma carta para a FLM comentando regras impostas por agências do Norte, segundo as quais veículos financiados por dinheiro de desenvolvimento deveriam ter a inscrição “Não devem ser usados para evangelização”. A igreja não podia aceitar tal dicotomia e questionou agências que eram mais sensíveis às ordens de governos ocidentais e às suas estratégias desenvolvimentistas de “neutralidade religiosa” do que à cultura e cosmovisão de seus parceiros africanos.

Algo do mesmo mal-estar foi expresso por latino-americanos responsáveis por atividades relacionadas com projetos. Eles sentem uma crescente dependência de agências no Norte, não só quanto a financiamento, mas também quanto a ideologia e terminologia. O resultado é uma crescente distância de congregações e vida eclesiástica locais. A introdução de uma

terminologia diaconal não somente reverteu esse processo, mas também cria espaço para novos conceitos que trouxeram uma nova dinâmica para a reflexão sobre o que significa ser igreja em missão.

Por isso, tornou-se importante enfatizar uma terminologia que expressa uma perspectiva holística sobre a missão da igreja no mundo. No último documento da FLM sobre missão, de 2004, esta é compreendida como proclamação, serviço (diaconia) e defesa. Embora os três sejam apresentados distintamente, dá-se mais importância ao que os une do que àquilo que os separa.

A mesma preocupação também é formulada no documento do CMI que foi citado acima. Lemos: “*A diaconia ecumênica deve estar ancorada em uma teologia de vida que proclama o valor e a importância da vida humana*”. Em outras palavras, estabelece-se uma forte conexão entre práxis diaconal e reflexão teológica, entre o que está sendo proclamado e o que está sendo feito.

## **5 - Redescobrimo a diaconia como serviço empoderado**

A história da diaconia, especialmente desde a década de 1830, quando o movimento diaconal moderno teve início na Alemanha, mostra que o servilismo, em muitos casos, tornou-se parte do estilo de vida e performance diaconal. Isso se deve principalmente à forte influência do pietismo, que interpretou diaconia como um serviço humilde. As diaconisas e os diáconos eram educados no espírito de obediência e serviço silencioso. A diaconia institucional como um todo igualmente se tem mostrado leal à ordem estabelecida, tanto na igreja quanto na sociedade, apesar de seu importante papel no desenvolvimento dos serviços modernos de saúde e assistência social.

Como a diaconia chegou a ser identificada com serviço humilde e auto-anulador? Muitos pensam que é assim que a Bíblia entende diaconia. Pesquisa recente, todavia, demonstrou que esta interpretação carece de fundamento. Há bons motivos exegéticos para definir diaconia como serviço importante dado a um agente ou a um intermediário. Examinando rapidamente como as palavras gregas *diakonia/diakonein* são relacionadas com Jesus nos evangelhos, elas geralmente se referem à missão messiânica a que ele foi autorizado por seu Pai celestial.

O Novo Testamento descreve a diaconia de Jesus como uma manifestação de autoridade messiânica (grego: *exousia*), embora como uma autoridade que diferia radicalmente daquilo que era experienciado da parte

dos poderosos do mundo (Mc 10.42ss.). A autoridade diaconal como revelada por Jesus não é uma autoridade sobre pessoas, mas uma autoridade para pessoas, manifestada quando, por exemplo, ele curou os doentes e os incluiu na vida da sociedade. Sua autoridade maravilhava as pessoas (Lc 9.8), e elas louvavam a Deus por aquilo que o tinham visto realizar. Essa mesma autoridade era expressa na maneira como ele comia com as pessoas, igualmente no ato de lavar os pés dos discípulos. Ela se manifestava como uma autoridade salvífica e includente, dando assim um profundo significado à diaconia.

Esta interpretação nos oferece motivos para romper com a tradição de compreender a diaconia como um serviço auto-anulador e humilde. Diaconia é serviço incumbido, dado pelo Senhor e autorizado pelo seu Espírito, visando a levantar os pisoteados, a dignificar os descartáveis e a empoderar os excluídos. Como tal, a diaconia expressa o serviço terapêutico da igreja – para a cura do mundo.

Mas a Bíblia não diz que Jesus se humilhou (Fp 2.8) e foi obediente até a morte? Ora, a palavra grega para se humilhar não denota uma piedosa ação introvertida e individualista, como muitas vezes foi idealizada na tradição pietista. Dever-se-ia muito mais ver a palavra socialmente, como um ato de ir em direção aos humildes. Para Jesus isso era uma ação voluntária, uma expressão de sua encarnação, com o propósito de se aproximar dos perdidos e abrir um novo caminho para a salvação.

Dever-se-ia ter isso em mente quando se faz referência à dimensão quenótica de missão e diaconia. Na década de 1960, o CMI lançou um programa chamado “Igreja para outros”. Uma das intenções principais era desenvolver uma eclesiologia que enfocasse uma igreja serva. A igreja deveria servir os pobres e marginalizados do mundo, deixando para trás os modelos de tempos coloniais, seguindo o exemplo quenótico de Jesus.

Algumas décadas mais tarde, descobriu-se que era errado falar sobre os pobres e os marginalizados como “os outros”, como objetos da ação da igreja. Teólogos, especialmente na América Latina, renovaram a reflexão eclesiológica baseados nas experiências das comunidades cristãs de base. As pessoas na América Latina, dizem eles, são pobres *e* crentes. O desafio, por conseguinte, é reconhecer o “poder dos pobres”, afirmando seu papel como agentes de esperança no projeto de Deus para seu mundo.<sup>5</sup>

Como deveríamos entender a igreja como uma comunidade servidora a partir desta perspectiva? Se a igreja é vista como a igreja dos pobres,

---

5 Gustavo GUTIÉRREZ, *The Power of the Poor in History*, Maryknoll NY, 1983.



uma igreja de baixo, isso significaria que se confere à igreja a tarefa de servir a outros? Deveríamos, portanto, evitar conceitos como diaconia e comunidade servidora?

É importante observar que missão diaconal não significa servilismo ou serviço auto-anulador. Pelo contrário, ela manifesta autoridade divina. Isso fica evidente na diaconia de Jesus. Ele questionou as autoridades religiosas e políticas de seu tempo; era claramente um ministério profético. Por isso, Jesus foi perseguido, torturado e morto de uma maneira extremamente cruel. Neste momento crítico, ele foi rejeitado e desprezado pelo povo, e seus discípulos fugiram. Na cruz, ele inclusive experienciou o abandono por parte de seu Pai celestial. Desta maneira, a *diakonia* de Jesus o levou até o fundo do sofrimento e da condenação humana. Mas Deus esteve com ele ao longo de sua missão; ele o ressuscitou dos mortos – “ele é quem foi constituído por Deus Juiz de vivos e de mortos. Dele todos os profetas dão testemunho de que, por meio de seu nome, todo o que nele crê recebe remissão de pecados” (Pedro em At 10.38-43).

Muitos cristãos pobres reconhecem suas próprias experiências de humilhação e luta na história de Jesus. E eles vêem sua vitória sobre as forças do mal como vitória deles. Mediante a fé, eles vêem seu papel como parceiros autorizados na diaconia de Deus no mundo, para reconciliação, empoderamento e transformação.

## **6 - A dimensão profética da diaconia**

O termo *diaconia profética* foi introduzido a partir deste pano de fundo. Para exemplificar como ele é empregado em círculos ecumênicos, mencionarei brevemente o relatório da FLM relacionado à Consulta sobre Diaconia Profética em Johannesburg, em 2001.<sup>6</sup> A Carta deste evento afirma:

*“Reconhecemos com gratidão os muitos tipos de trabalho diaconal que a igreja realizou através dos séculos e que necessariamente continuam nos dias atuais. Desafia-se agora este trabalho no sentido de avançar para formas mais proféticas de diaconia. Inspirados por Jesus e pelos profetas que confrontaram os que estavam no poder e exigiram mudanças em estruturas e práticas injustas, oramos para que Deus nos empodere a fim de que possamos ajudar a transformar tudo o que leva à ganância, violência, injustiça e exclusão humanas.”*

---

<sup>6</sup> LWF: *Prophetic Diaconia: “For the Healing of the World”*, Report, Johannesburg, África do Sul, novembro de 2002.

Profecia é um termo bíblico e deveria ser entendido e usado a partir deste pano de fundo. Às vezes, diaconia política e diaconia profética são mencionadas como sendo a mesma coisa, mas seria mais exato diferenciar entre as duas expressões.

*Diaconia política* expressa a dimensão política do trabalho diaconal. Como a diaconia acontece na esfera pública, ela deve ter consciência de seu papel sociopolítico e estar pronta a se manifestar quando necessário.

*Diaconia profética*, por seu turno, tem uma outra ênfase. Ela se refere à natureza intrínseca da diaconia, afirmando que a tarefa profética faz parte do mandado e da autoridade que Deus concedeu à igreja e à sua diaconia.

Na tradição bíblica, a profecia aparece como resposta à revelação divina e como um mandato dado por Deus ao profeta. “A palavra do Senhor veio a mim, dizendo...” Esta palavra sempre manifesta o senhorio e o poder de Deus, como lemos em Am 4.13: “Porque é ele quem forma os montes, e cria o vento, e declara ao homem qual é o seu pensamento; e faz da manhã trevas, e pisa os altos da terra: o Senhor, Deus dos Exércitos, é o seu nome.”

Mas ela também expressa a preocupação de Deus pela criação, especialmente por seu povo, lembrando-os de que é juiz e salvador, agora e em tempos por vir. Isaías 52.7-10: “Que formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas novas, que faz ouvir a paz, que anuncia cousas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: ‘O teu Deus reina!’... O Senhor desnudou o seu santo braço à vista de todas as nações; e todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus.”

Especialmente cristãos no Sul sentem a relevância de tais palavras em um tempo que declarou que a história chegou ao seu fim ou que o mercado, em última análise alguns poderes do mundo, deveriam estabelecer a condição última para a existência humana. Nesta situação, a palavra profética lembra que Deus é o Senhor da história; trata-se de uma palavra que ainda julga e promete redenção.

Como se estabelece a relação entre profecia e diaconia?

Ambas têm a tarefa de encontrar caminhos, de construir pontes rumo à renovação (arrepentimento) e transformação. A tarefa da diaconia é a de ser desbravadora. A diaconia jamais se limita apenas a palavras, mas representa ações, a procura por caminhos mediante os quais a transformação pode acontecer. Na América Latina, a diaconia migrante está sendo usada para conceitualizar esta noção de estar na realidade presente de pessoas com uma perspectiva receptiva de esperança.

Agindo assim, a diaconia não pode se manter silenciosa. Ela transmite uma mensagem de novos tempos por vir (como lemos em Isaías 52.7). É importante observar que os profetas eram enérgicos defensores da justiça. Eles reagiam especialmente quando se transgredia a lei dada por Deus. Esta assim-chamada lei apodíctica foi estabelecida no Monte Sinai como parte da aliança entre Deus e seu povo. Ela é diferente da lei casuística feita pelos anciãos que se reuniam junto aos portões da cidade. A lei apodíctica é incontestável. Ela pertence à aliança e à sua promessa de *shalom* e bem-estar. É por isso que a transgressão desta lei tinha conseqüências tão dramáticas.

Desta perspectiva fica claro que ser profético significa defender a justiça. A ação diaconal, portanto, inclui, por sua própria natureza, a tarefa de desmascarar injustiça e promover justiça – ou melhor: de ser um batedor que serve a esta causa.

Para os profetas do Antigo Testamento, esta tarefa era empreendida dentro do marco referencial da sociedade teocrática. Como dar continuidade a esta mesma tarefa quando a teocracia não mais é viável como opção política? Poderia ser através do compromisso com os direitos humanos como uma manifestação da lei apodíctica em nossos tempos? Ou através do trabalho por uma sociedade justa, participativa e sustentável como nossa maneira de expressar o que a aliança e a teocracia significavam naquela época?

De qualquer forma, há um forte vínculo entre profecia e compromisso diaconal com a justiça. Isso deveria ter conseqüências normativas para todos os tipos de trabalho diaconal, mas especialmente para a diaconia ecumênica.

A diaconia profética se caracteriza, pois, por sua missão divina. Mas, ao mesmo tempo, ela está orientada, de acordo com sua natureza e devido a seu compromisso com a justiça, para a margem da sociedade, para os mais pobres e sua condição de vida. Isso possui tanto uma implicação sociológica quanto uma implicação teológica/eclesiológica, fazendo com que a diaconia profética esteja comprometida com a perspectiva dos que pertencem à periferia. Aqui se deve desenvolver um tipo de sensibilidade diaconal, de modo que a versão dos últimos seja ouvida por primeiro.

Uma outra observação importante a ser feita é que os profetas muitas vezes dirigiam sua mensagem aos líderes da ordem religiosa. Eles também se endereçavam aos ricos e poderosos, como, por exemplo, ao rei, mas então dentro da racionalidade da teocracia. Estes eram responsáveis pelo abuso do sistema e do poder que lhes havia sido conferido. Eles eram manipuladores para parecerem pios e legais e inclusive instalavam falsos profetas que anunciavam o que lhes agradava.

Que tipo de desafio é este para a diaconia profética? Poderia ser que

o foco principal da ação profética não deveriam ser instituições políticas e entidades seculares semelhantes. Embora, obviamente, haja casos – inclusive hoje em dia – em que políticos querem ter sanção religiosa para aquilo que fazem, referindo-se a um tipo de “precisa ser feito” metafísico quando permitem que os pobres sejam sacrificados.

Mas deve ser, no mínimo, uma tarefa igualmente importante para a diaconia profética dirigir-se ao *establishment* eclesiástico, a fim de questionar como estamos sendo “conformados com este século” (Rm 12.2) ao lidar com questões candentes de nosso tempo. É justo dizer que a igreja, às vezes, imita estruturas de dominação e exclusão? É adotado um estilo de vida de consumismo religioso e indiferença ética em vez de ser profundamente provocado pelos sinais de crescente pobreza e injustiça no mundo?

Poderia inclusive ser que nossa própria performance como instituições diaconais necessita de um questionamento profético? Como medimos o que somos e o que fazemos? Isso é feito de acordo com os padrões de eficiência e trabalho profissional, como definidos em modernos manuais de trabalho de desenvolvimento, ou é feito de acordo com o mandato conferido pelo Senhor: “Como o Pai me enviou, também envio vocês!”?

Sem um questionamento profético crítico, a igreja e sua diaconia são facilmente enredadas por triunfalismo, eclesiocentrismo e outras variantes da teologia da glória. A igreja precisa ser constantemente renovada e lembrada de seu mandato dado por Deus e estar a caminho – mesmo quando este é um caminho da cruz.

## **7 - Transformação como dom e tarefa**

Voltando agora à Carta da consulta de Johannesburg, ela continua, afirmando a perspectiva holística da missão da igreja:

*“Por causa da missão holística de Deus, a diaconia está profundamente inter-relacionada com o kerigma (proclamação da Palavra) e com a koinonia (compartilhamento à mesa). Diaconia é testemunho através de atos. Ela está arraigada no compartilhamento do corpo e sangue de Cristo na Santa Ceia. O compartilhamento mútuo inerente à comunhão da igreja pode transformar as injustas relações de poder que muitas vezes estão presentes no trabalho diaconal, por exemplo, entre “doadores ricos” e “receptores pobres”. Na diaconia, tanto os que são servidos quanto os que servem são transformados. Ao mesmo tempo, insistimos que o propósito da diaconia não é fazer proselitismo*

*Diaconia é mais dos que os fortes servindo aos fracos, o que*

*pode levar a pressupostos e práticas paternalistas e implicar que algumas igrejas não são capazes de se engajar na diaconia por lhes faltarem recursos ou conhecimentos. Contestamos este pressuposto. A diaconia faz parte da vocação de todas as igrejas e de todos os cristãos no mundo.”*

Aqui se deveria atentar para duas expressões, visto que destacam o que torna possível a perspectiva holística. A primeira é a comunhão da igreja ser uma comunhão compartilhada, e a segunda é transformação como dom e tarefa.

Ambas as expressões são importantes na terminologia ecumênica. Comunhão tornou-se um conceito-chave dentro da eclesiologia. *Comunhão* significa um *com* o outro, como corpo orgânico onde cada membro tem sua própria dignidade e importância e onde cuidado e compartilhamento são expressões vitais de vida e mobilidade.

Um outro conceito emergente é transformação. Transformação tem um significado mais profundo do que mudança social, por exemplo. Mudança ou ação social geralmente dependem de uma visão modernista sobre a sociedade: o futuro pode ser construído. Assim, a própria ação subordinou a intenção de mudar. A ação então será medida de acordo com seus resultados. Isso fornece um poder perigoso aos que definem o curso e a meta da mudança. Por outro lado, também dá uma confiança infundada na relação entre causa e efeito no mundo social.

Transformação tem um escopo mais amplo. Como afirmou a teóloga indiana Monica Melanchthon, “*transformação é um processo mediante o qual mudanças são produzidas em estruturas, sejam elas políticas, sociais, econômicas ou culturais. O processo de transformação deveria, pois, afetar o indivíduo de maneira pessoal, interpessoal e socioestrutural. Igualmente significativo é também o fato de que a transformação constitui um traço característico da tradição cristã, fundamental para a visão cristã das coisas, estando no cerne de nossa convicção de que algo fundamentalmente novo e diferente pode ser gerado pela vontade e obra de Deus*”.<sup>7</sup>

Sentimos aqui que transformação, bem diferentemente de mudança social, implica abertura para a realidade espiritual. Nenhum ser humano é o senhor da transformação. Por outro lado, ninguém é excluído da necessidade e da promessa de transformação. É o poder do grão de trigo que está

---

<sup>7</sup> Monica J. MELANCHTHON, *Koinonia and Mission*, in: *LWF Consultation on Churches in Mission*, Nairobi, outubro de 1998, Report, p. 109-117.

aparentemente fadado à morte quando colocado na terra. Esta ação faz transformação desembocar em vida multiplicada. Na perspectiva da fé, isso reflete o mistério sacramental da transformação e o significado do que é aparentemente insignificante.

A partir deste pano de fundo, a comunidade servidora vê sua diaconia não como uma poderosa ação social, mas como serviço empoderado pelo Espírito de Deus. A dimensão espiritual nos deixa ver a ação diaconal como tendo sentido em si mesma na medida em que não depende de teorias de desenvolvimento. Ela é poderosa devido à sua natureza dinâmica e é, como tal, capaz de abrir novas dimensões do ser. Como já foi dito, o pós-modernismo não tem visões do futuro. Sua concentração é no aqui e agora. Como a igreja vê o aqui e agora? A mensagem cristã está basicamente relacionada com o futuro, seja dentro da história como algum tipo de realidade social a ser construído, ou como uma realidade celestial para além do tempo?

A ação diaconal implica uma valorização do aqui e agora, na medida em que se dá importância ao que as pessoas vivem e sofrem. Isso não significa que a igreja adere à ideologia do aqui e agora. A tarefa é estar presente e, ao mesmo tempo, agir sob a perspectiva da transformação.

Em um mundo fragmentado, isso significa uma diaconia de reconciliação e cura. Quando a FLM se reuniu para sua X Assembléia Geral em Winnipeg, 2003, o tema principal era: *Para a cura do mundo*. Durante a Assembléia, diferentes *Village Groups* discutiram o tema relacionado a desafios atuais. Um deles se concentrou no ministério terapêutico da igreja.

No relatório deste grupo, lemos: *“O ponto de partida para nossa reflexão sobre o ministério terapêutico da igreja é que Deus é aquele que cura. Confessamos Deus como Deus da Vida e vemos a cura como promoção da totalidade da vida. O mundo em que vivemos está fragmentado em consequência do pecado; pessoas são vítimas de injustiça e do abuso de poder. A cura é parte da criação de Deus; ela abrange a experiência do perdão, a restauração de relações rompidas. Ela igualmente tem uma dimensão escatológica na medida em que novas e justas maneiras de viver são trazidas à tona, como sinal do reino e da imerecida graça de Deus.*

*Como comunhão cristã somos chamados a ser parceiros na obra curadora de Deus. A cura física, mental e espiritual de pessoas não é uma atividade nova, mas tem sido importante na vida e ministério da igreja desde seus primórdios e continua a ser no ministério da igreja hoje. Jesus curou e ordenou que seus seguidores procedessem de forma semelhante: “proclamar o reino de Deus e curar” (Lc 9.1-2). O*

*ministério da cura, que pertence à igreja toda, continua o ministério de Jesus de curar, construir e edificar uma nova comunidade. Ele inclui o ministério do serviço – diaconia – através de serviços médicos, educacionais e sociais para aqueles que estão necessitados. Somos chamados a promover cura, sustento e preservação da vida.*

*Em nosso mundo globalizado, não podemos limitar a tarefa de curar ao indivíduo ou à esfera privada. É preciso empregar uma perspectiva mais ampla, incluindo questões de natureza social, política e ecológica. A dimensão profética não deve ser ignorada no ministério curador da igreja. Onde acontece cura, a justiça é restaurada.*

*É de fundamental importância relacionar o ministério da cura com o ministério da proclamação do Evangelho e da administração dos sacramentos. A cura está fundamentada na Palavra da cruz, que é basicamente uma palavra de impotência. Isso esclarece que os seres humanos não são os sujeitos da cura, mas somente Deus. Isso se expressa na doutrina luterana da justificação por graça mediante a fé apenas, como celebrada no batismo e na eucaristia. Ambos são sacramentos de cura. Com base nisso se confere à igreja seu ministério da cura como uma ação transformadora, empoderada pelo Espírito Santo.”*

## **8 - Conclusão**

Do que se apresentou fica evidente que a diaconia recuperou sua posição central na vida ecumênica. No CMI, *Diaconia&Solidariedade* é uma das cinco equipes de programa, com a seguinte auto-apresentação:

*“O termo ‘diaconia’ se refere ao serviço como uma atividade permanente da igreja ao longo da história. A diaconia é essencial e fundamental para a vida na fé. É impossível imaginar a própria existência de uma comunhão de igrejas sem serviço compassivo e solidariedade para todos, com base no amor de Deus. Com o passar dos anos, o conceito de diaconia se expandiu, deixando de ser visto apenas como um serviço de compaixão para incluir o trabalho visando à mudança nas relações e estruturas sociais.”<sup>8</sup>*

Quando o CMI se reunir para sua IX Assembléia Geral em Porto Alegre, Brasil, em fevereiro de 2006, sob o tema “*Deus, em tua graça transforma o mundo*”, a diaconia certamente desempenhará um papel central.

Como se mencionou acima, A Federação Luterana Mundial afirma a

---

<sup>8</sup> Na internet: Site: <http://wcc-coe.org/wcc/what/regional/index-e.html>.

diaconia como uma parte integrante da natureza e vida da igreja.<sup>9</sup> Isso também será um tema importante nos anos vindouros, o que pode ser ilustrado com uma das recomendações adotadas na X Assembléia em Winnepeg, Canadá, julho de 2003; sob o título *Priorizando a questão da Diaconia dentro da FLM*, lemos:

*A Assembléia solicita que a Comunhão Luterana (FLM) inicie um programa de estudo coordenado sobre “o papel da diaconia como uma parte integrante da comunhão luterana”. Este estudo deveria incluir uma reflexão sobre o trabalho diaconal de pessoas leigas dentro e fora de estruturas eclesiais organizadas.*

*Contextualmente, as igrejas luteranas deveriam ser igrejas de presença para e com indivíduos e grupos marginalizados. Em vista da persistência da pobreza material em partes consideráveis do mundo e à luz da pobreza espiritual relacionada com o excessivo individualismo em outras partes do mundo, as tarefas diaconais das igrejas são hoje muitas e multifacetadas .*

*Teologicamente, necessitamos reconsiderar o compromisso luterano com o sacerdócio de todos os crentes. Qual é a relação entre missão e diaconia? O que significa a mensagem da incondicional justificação de pecadores por Deus para aqueles que são envergonhados como pobres, impotentes ou contagiosos, ou são estigmatizados como pessoas que não correspondem aos padrões modernos de eficiência e sucesso?*

*Eclesiológicamente, deveríamos dar voz e reconhecimento àqueles membros leigos da igreja que contribuem para a vida da igreja mediante hospitalidade e visitação, escuta e ajuda, ou que contribuem para a beleza do mundo através da música e da arte. Uma reflexão teológica deficiente sobre as obras de amor e beleza pode espelhar uma situação eclesial onde, às vezes, tão-somente a ordenação de ministros da igreja é considerada como importante para a formação dentro dos quadros eclesiais.*

---

9 Para informação e documentação veja: <http://www.lutheranworld.org/>.